

JORNAL: O JORNAL LOCAL: GUANABARA
DATA: 7 / 6 / 1960 AUTOR: QUIRINO CAMPOFIORITO
TÍTULO: CONCRETOS BRASILEIRO EM ZURIQUE
ASSUNTO: CONCRETOS BRASILEIRO EM ZURIQUE IVAN I
BIENAL (CONCRETO)

o jornal: 7 - 6 - 1960

O JORNAL

ARTES PLÁSTICAS

Quirino CAMPOFIORITO

CONCRETOS BRASILEIROS EM ZURIQUE

Neste mês deverá realizar-se em Zurique uma importante exposição de arte concreta. Convite especial foi endereçado por Max Bill aos artistas brasileiros desta corrente. O convite em si é já muito honroso, pois distingue um grupo de artistas muito ativo e dedicado com decisão e seriedade a um dos interesses mais definidos das artes plásticas modernas. Mas feito diretamente por Max Bill, esse convite toma uma singular significação, pois se constata que o grande nome atual da arte concreta reconhece a importância da contribuição de nossos artistas ao grande certame que lhe cabe organizar por atribuição da Prefeitura de Zurique.

A exposição será uma retrospectiva do concretismo plástico e a apresentação do que de mais válido realiza atualmente a arte concreta nos vários países em que a corrente tomou força. No momento em que o não-figurativismo plástico ameaça perder-se num emaranhado de caprichos e aventuras que só poderão comprometer a gravidade dos autênticos objetivos artísticos, a exposição de junho, em Zurique terá a virtude, absolutamente oportuna de alertar sobre as responsabilidades que vão tão perigosamente levadas pelas mãos de um personalismo exorbitante e que já toca as raízes de um diletantismo inconseqüente e fastidioso.

O chamado "tachismo" vem felizmente sendo um terreno inconsistente ao qual parecem estar convergindo os artistas do abstracionismo orgânico ou informal, conforme as adjetivações que recebe a corrente não-figurativa que diverge da arte concreta, — esta de ordem estrutural geometrizante, por sua essencialidade técnica e estética. Somos muito avessos a aceitar facilmente as denominações que são dadas para definir (e em realidade nada definem) e simplesmente dão nome "Abstracionismo informal" é denominação absurda, pois é tolo conceber uma arte informal, ou seja, sem contribuição formal. "Abstracionismo orgânico" repete novo absurdo, pois seria chamar de inorgânica a qualquer outra corrente não-figurativa.

Estabelecer convenções para os adjetivos conforme o desejo de determinar uma corrente artística

tirando-lhes o sentido mais comum e razoável, leva à confusão e à indefinição. Logo denominar duas correntes bem marcadas do não-figurativismo plástico, de "abstracionismo geométrico" (arte concreta) e "abstracionismo orgânico" ou "informal" (concepção plástica espontânea) é deixá-las sem definições criteriosas.

Voltemos pois a tratar da Exposição de Arte Concreta que se realizará em Zurique e vai sem dúvida, se tiver a merecida divulgação, confirmar a validade de um setor da concepção plástica contemporânea e que se define e se justifica pela categoria com que se entrosa nos objetivos estéticos da vida moderna.

A arte concreta aparece entre nós, por volta de 1951, na obra de dois jovens pintores, Ivan Serpa e Almir Mavignier. Realmente Serpa precede Mavignier. Naquele ano Ivan Serpa é já premiado como pintor concretista, na I Bienal de S. Paulo. Desenvolvem-se a seguir dois grupos distintos, o de São Paulo e o do Rio de Janeiro. Em São Paulo destaca-se de saída o pintor Waldemar Cordeiro logo seguido de Geraldo de Barros. O grupo carioca vê aparecerem Décio Vieira, Aloysio Carvão, Lygia Pape, João José, os irmãos Oiticica e outros. Quanto a Mavignier, vai para a Alemanha (Escola de Ulm) e lá se queda.

Lygia Pape volta da Europa adepta da corrente e F. Weissmann e Amílcar de Castro começam em Belo Horizonte. O grupo paulista desenvolve-se com Lothar Charroux, H. Fiaminghi, L. Sacilotto, Alexandre Wollner e outros cujos nomes nos escapam. Uma grande exposição de conjunto foi realizada em 1956 e 1957, em São Paulo e no Rio (I Exposição Nacional de Arte Concreta), já em comunhão com poetas (Ferreira Gullar, R. Jardim, T. Spanudis, D. Pignatari e outros).

O crítico Mário Pedrosa é a voz mais entusiasta e autorizada que assume decidido compromisso com a Arte Concreta desde o seu início entre nós. O grupo do Rio de Janeiro deriva para novas concepções e forma-se o Neo-Concretismo, denominação com a qual continuamos a não concordar, embora aceitemos bem o novo terreno aberto.